

DOIS ASSUNTOS

NINGUÉM saberá tão cedo ao certo as circunstâncias em que morreu Guevara. Chefes militares e autoridades da Bolívia afirmaram coisas tão desconexas ou contraditórias sobre sua morte e sobre o destino do cadáver, que de tudo só há uma evidência: foram praticados atos inconfessáveis, e o governo está de consciência suja.

Matar um guerrilheiro em combate é normal; seria mesmo compreensível um dispositivo legal que permitisse o seu fuzilamento depois de prisioneiro, após um julgamento sumário, pois quem se lança em guerrilha não pode contar com a proteção das leis de guerra. O oficialismo boliviano armou, porém, uma pantomima tórva, cheia de macabras incongruências, e a imagem de Guevara esplende, no fundo desse cenário escuro, com a simpatia e a doçura de um mártir.

O povo guardará a lembrança dessas fotos em que ele mais parece um Cristo martirizado e tripudiado pelos inimigos. Assim ele entra para a História, com uma efígie aureolada de beleza romântica, como se tivesse morrido em santidade.

E esses vultos da CIA que se cruzam no fundo fazem o papel de soldados romanos a impor a autoridade do Império em uma província distante e miserável. A morte veio apenas dar mais prestígio à legenda que o «Che» fizera de sua vida. Isso ele deve à tortuosa pequenez de seus inimigos.

Mas baixemos do altiplano para um pequeno assunto municipal, que interessa a Cachoeiro de Itapemirim. De resto não é meramente municipal: e até muito inter, ou plurimunicipal.

Prefeitos de diversas cidades capixabas e mineiras planejam reunir-se em Cachoeiro quando lá fôr o diretor do DNER e (ou) quem sabe, o ministro Andreazza, para de Cachoeiro fazerem juntos um passeio até o mar. Não são apenas os chefes executivos de Mimoso, Calçado, Rio Nôvo e Muqui, mas também os de Leopoldina, Cataguazes, Carangola, Ubá e Belo Horizonte que estão dispostos a fazer essa concentração para explicar ao diretor, ou ao ministro, a conveniência de ligar a estrada Rio-Vitória, na localidade de Safra, a Marataises e Barra do Itapemirim. São 30 quilômetros ou pouco mais, em terreno plano, que não exige grandes obras de arte; mas não apenas é de justiça a ajuda federal, por compensar o arrancamento dos trilhos da E. F. Itapemirim, como é da maior conveniência do ponto turístico, pois, no verão, os cidadãos de todos aqueles municípios têm de enfrentar a lama para chegar a Marataises e outras praias das vizinhanças. O trecho pode vir a ser também de interesse econômico, ligando uma grande região de Minas ao mar na altura de um pôrto pequeno, mas viável, como o da Barra, depois do enrocamento que ali já se fêz.

No momento em que se restaura a nossa Marinha Mercante, esses portos pequenos podem facilitar e baratear o transporte de certas mercadorias e significar a melhoria de vida para populações de muitas cidades hoje peadas em seu desenvolvimento.

Mas primeiro vamos ver se o prefeito Borelli, de minha terra, e seus colegas capixabas e mineiros conseguem ser ouvidos um instantinho pelos esquivos ouvidos federais.

DIV - 18.10.67

379